

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

A crise do masculino se situa na falta de sua
nova identidade [The crisis of the masculine
is situated in the lack of its new identity]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Gebara, Ivone
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-12 14:13:50
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162410

“A crise do masculino se situa na falta de sua nova identidade”

ENTREVISTA COM IVONE GEBARA

A teóloga Ivone Gebara, paulistana, é doutora em Filosofia pela Universidade Católica de São Paulo e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Ela lecionou durante 17 anos no Instituto de Teologia do Recife, até sua dissolução, decretada pelo Vaticano, em 1989. Atualmente, vive e escreve em Camaragibe, Pernambuco. Percorre o Brasil e diferentes partes do mundo, ministrando cursos, proferindo palestras sobre hermenêutica feminista, novas referências éticas e antropológicas e os fundamentos filosóficos do discurso religioso. Tem vários livros e artigos publicados em português, espanhol, francês e inglês, entre eles As Incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1989; e Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis, Vozes, 2000.



A seguir, a entrevista que Ivone Gebara concedeu à IHU On-Line, por telefone, na qual falou sobre a caminhada das mulheres e do movimento feminista nos últimos tempos e o que isso provocou na sociedade e nas igrejas.

IHU On-Line - Fazendo um balanço das lutas das mulheres pelo reconhecimento de seus direitos e de sua dignidade, o que as mulheres têm para comemorar, reivindicar e lamentar neste dia 8 de março?

Ivone Gebara - Uma das coisas mais importantes para o movimento feminista no Brasil é que nós não abandonamos a busca pelos direitos das mulheres e pela afirmação da nossa dignidade. Por exemplo, nós aprovamos a lei Maria da Penha e agora estamos com uma luta importante com os meios de comunicação, que têm veiculado imagens extremamente distorcidas das mulheres, particularmente das feministas. Enfim, eu faço um balanço positivo, no sentido de que, apesar de tantos senões à luta feminista, nós estamos fortes, estamos com

essas bandeiras intensamente mobilizadoras da sociedade.

IHU On-Line - No atual contexto sociocultural, constatamos a emergência de uma nova subjetividade e autonomia das mulheres. Como a senhora vê esta questão num cenário de fragilização dos laços sociais e afetivos? Os homens estão preparados para lidar/se relacionar com este novo tipo de mulher?

Ivone Gebara - As mulheres avançaram muito no conhecimento delas próprias, no conhecimento da sua intimidade, da sua sexualidade e genitalidade, dos seus desejos e, de repente, elas se dão conta de que os homens não fizeram e não quiseram fazer esse processo. Sem dúvida, os choques de relacionamento entre

mulheres e homens e a precariedade das relações é muito mais presente hoje. Acho que essa nova subjetividade feminina, que é emergente tanto no mundo das intelectuais e, sobretudo nesse mundo, também está aparecendo no mundo popular e no mundo das elites femininas. A fragilização do masculino e o questionamento da identidade masculina também estão aparecendo. Então, tenho visto que essa identidade do masculino como o provedor, o chefe, o que sabe, o que comanda a sociedade, continua, mas cada vez mais as mulheres têm sido críticas dessas pretensões de poder. Acredito que estamos num momento crítico e que, lentamente, a cultura vai nos mostrar que um novo relacionamento entre mulheres e homens está emergindo.

IHU On-Line - Quais os principais desafios que o feminismo coloca hoje à masculinidade ou às diferentes formas de se compreender e viver a masculinidade? Em outros termos, em que consiste a crise da masculinidade em meio aos desdobramentos dos movimentos feministas?

Ivone Gebara - A primeira questão da crise do masculino é que, ao mudarmos, nós, a nossa identidade submissa e dependente, ao deixarmos, nós, mulheres, de nos identificarmos como seres *para* e, nesse sentido, seres para os homens, para a família patriarcal, nós já estamos, ao afirmar nossa nova identidade, nossa busca de identidade, insistindo para que os homens entrem nesse processo de redefinição de sua identidade. O sexo forte, o sexo masculino, o gênero forte, masculino, só é forte e dominador na medida em que nós aceitarmos a dominação. E como nós não estamos mais aceitando o paradigma da dominação, eles estão em crise. Hoje em dia, a crise do masculino se situa numa espécie de falta de nova identidade do masculino. Isso tanto do ponto de vista das relações sociais quanto do interior das igrejas.

IHU On-Line - As teorias feministas e o movimento feminista tiveram um significativo desenvolvimento nos últimos anos e se desdobraram em diferentes perspectivas. Como a senhora avalia o impacto das teorias feministas e das reivindicações das mulheres no mundo acadêmico? E na teologia?

Ivone Gebara - Do ponto de vista da antropologia, da sociologia e da psicologia, talvez as teorias feministas tiveram um espaço maior no mundo acadêmico. Mas não estou convencida disso. Tenho a impressão de que também a psicologia, a psicanálise, a sociologia e a antropologia feministas não foram bem acolhidas pelo mundo acadêmico dominado pelos homens. E a teologia feminista não foi de forma alguma. Ela ficou como um apêndice, como um cursinho, uma matéria a parte que se dá em muitos institutos de teologia. Esses, quando vão falar de teologia feminista, tiram o “feminista” e insistem em falar em “teologia feminina”, ou dizem que a teologia feminina não tem lugar, porque teologia é teologia, não existe teologia feminina e masculina. Mas sabemos que a teologia é masculina. Então, o impacto do feminismo no mundo acadêmico e, especialmente, da teologia, foi pouco significativo, mas, por sua vez, o feminismo e a teologia feminista tiveram um impacto maior nos movimentos sociais e muito particularmente nos movimentos de mulheres.

IHU On-Line - Na sua opinião, o que sustenta as mulheres, especialmente as mulheres desprivilegiadas em nossa sociedade, em suas lutas e resistências cotidianas? De onde tiram sua força?

Ivone Gebara - A grande força mobilizadora das mulheres é o próprio sofrimento no qual elas vivem. Não imaginemos que há uma força extraordinária, que vem do alto, ou da academia, ou dos governos. Mas a grande força das mulheres se localiza no sofrimento do seu próprio corpo. Não dá para agüentar ficar nas filas dos hospitais esperando atendimento. Não dá para agüentar

ser violada e violentada continuamente dentro de casa. Não dá para agüentar viver sempre submissa às ordens de uma igreja que privilegia muito mais os corpos masculinos. A grande força das mulheres está naquilo que se percebe: o sofrimento feminino é aumentado por conta de uma estrutura socioeconômica e política que privilegia, primeiro, uma elite e, segundo, uma elite masculina. Não abre a possibilidade para relações de igualdade de gênero. A força que sustenta as mulheres é a dor coletiva, é a solidariedade coletiva na mesma dor e a esperança coletiva de tentar vencer esses sofrimentos,

que não são abstratos, são sofrimentos concretos. O que sustenta, por exemplo, a luta das empregadas domésticas para não morar no emprego, para ter uma casinha digna, é o fato de ela ter sofrido no seu próprio corpo que o espaço que lhes é dado é sempre o pior espaço, com as piores condições dentro de uma casa ou um apartamento. É o próprio corpo que é o mobilizador das lutas, é o sofrimento do corpo que é mobilizador para que a mulher busque estados e situações de conforto maior esperança.